



## Política externa brasileira e cultura: o coral Madrigal Renascentista como instrumento de diplomacia cultural em 1965 e 1970

*Aline Pereira Magalhães Silva<sup>1</sup>*

*Categoria: Iniciação Científica*

**Resumo:** Esse artigo visa entender como duas turnês internacionais do coral Madrigal Renascentista, de Belo Horizonte, Minas Gerais, estão conectadas com as políticas externas brasileiras dos períodos em que se realizaram, 1965 e 1970. A partir de um estudo histórico e político, pode-se perceber que há uma aparente relação entre a diplomacia cultural como mecanismo de Política Externa, a escolha dos locais visitados pelo coral e uma política de alinhamento aos Estados Unidos ou de busca de um multilateralismo político e econômico nos mecanismos de diplomacia da época.

**Palavras-chave:** Diplomacia cultural. Política externa. Música.

### **Brazilian foreign policy and culture: the Madrigal Renascentista choir as an instrument of cultural diplomacy in 1965 and 1970**

**Abstract:** This article aims to understand how two international tours made by the Madrigal Renascentista choir from Belo Horizonte, Minas Gerais, are connected to the Brazilian foreign policies of the periods in which they took place, 1965 and 1970. From historical and political studies, it seems that there is a supposed relationship between the cultural diplomacy, the choice of places the choir traveled and a policy of alignment to the United States or a pursuit of political and economic multilateralism in the diplomatic mechanisms of the time.

**Keywords:** Cultural diplomacy. Foreign politics. Music.

## 1. Introdução

Não é incomum que nações desenvolvidas e em desenvolvimento como o Brasil façam uso de mecanismos de *soft power*<sup>2</sup> como estratégia no âmbito internacional para

---

<sup>1</sup> Bacharelada em Música com Habilitação em Canto, Universidade Federal de Minas Gerais, e Bacharel em Relações Internacionais, PUC Minas, [aline.1006@hotmail.com](mailto:aline.1006@hotmail.com).

<sup>2</sup> Definido por Joseph S. Nye Jr., “soft power é a habilidade de conseguir o que você quer pela atração e não pela coerção ou pagamentos. Ele cresce pela atratividade à cultura de um país, ideais políticos e políticas. Quando nossas políticas são vistas como políticas aos olhos dos outros, nosso soft power é melhorado.” (NYE JR., 2004, p.10).



obter vantagens econômicas, comerciais ou políticas. Esses mecanismos estão intimamente ligados aos objetivos domésticos dos países, ainda que eles possam variar e mudar de acordo com fatores como contextos internacional e interno, regime estatal e outros. É exatamente por isso que, como observaremos, o Brasil fez vários usos da chamada diplomacia cultural como mecanismo de uma grande estratégia desenvolvimentista, utilizando como um de seus instrumentos o coral belorizontino Madrigal Renascentista quando de suas viagens internacionais.

A diplomacia cultural, entendida aqui como parte de um sistema de diplomacia nacional, que englobaria economia, política, segurança e manutenção da paz (RIBEIRO, 1989), poderia servir a propósitos ortodoxos de sobrevivência de um Estado-nação no sistema internacional, na medida em que estabeleceria elos de ligação entre Estados e seus povos, assim como “uma atmosfera favorável ao entendimento” (RIBEIRO, 1989, p.34). Desse modo, a cultura passa a ser produto de exportação e também um cartão de visitas que serve a objetivos específicos.

No período do pós 2ª Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, o Brasil passou por mudanças em sua Política Externa que estiveram também apoiadas pelas grandes mudanças estruturais econômicas e políticas que o país sofreu. Essas mudanças passaram pelo governos de Getúlio Vargas (1930 a 1945 e posteriormente de 1951 a 1954) com a formulação de uma nova constituição brasileira e sua “política externa para o desenvolvimento” (VIZENTINI, 1989, p.135) assim como no governo de J. Kubitschek (1956-1961) com seu projeto de industrialização do Brasil, bem como em outros governos, como analisaremos mais adiante. Todo esse processo resultou em continuidades e contradições na sua diplomacia – e, como veremos, no uso da diplomacia cultural.

No final da década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek, houve um crescente combate ao “subdesenvolvimento”, de forma que as políticas interna e externa estiveram alinhadas objetivando um crescimento econômico mais autônomo, ainda que uma formulação dessa autonomia só fosse ganhar nome – Política Externa Independente – no governo de Jânio Quadros. Esse processo resultou em mudanças pragmáticas nas relações entre o Brasil e seus vizinhos que gerou, nos grandes empresários, nos latifundiários e nas empresas estrangeiras instaladas no país, um



crecente medo de que o fantasma do comunismo viesse assombrar o Brasil. O apoio de setores das Forças Armadas resultou no golpe e instauração do regime militar em 1964. Antes disso, o Brasil havia flertado com a diplomacia cultural em sua Política Externa por mecanismos de divulgação do cinema brasileiro, da literatura, do balé e da música erudita brasileira (RIBEIRO, 1989). Esse processo incipiente teve várias formas ao longo dos anos, mas nesse artigo pretendemos analisar brevemente o papel de um coral de Belo Horizonte que havia sido patrocinado pelo governo brasileiro quatro vezes desde 1958 em suas viagens internacionais (OLIVEIRA, 2015) quando, em 1965, volta a receber apoio brasileiro para uma viagem aos Estados Unidos e em 1970 para a Europa, em turnês de divulgação da música coral brasileira e também da qualidade musical existente no país.

Esse artigo visa investigar como o coral Madrigal Renascentista pode ter sido um dos instrumentos dessa diplomacia cultural. Tido, na época de sua criação e atividades constantes, como o “Coro do Brasil” (OLIVEIRA, 2015), discutiremos como duas de suas viagens internacionais podem ter feito parte de uma ampla Política Externa Brasileira, em dois momentos específicos: o ano de 1965, no governo de Castello Branco (1897-1967), e 1970, já com Emílio G. Médici (1905-1985) na presidência.

## 2. Viagens internacionais do coral e política externa

O Madrigal Renascentista nasceu na década de 1950 em Belo Horizonte numa reunião de estudantes do Conservatório Mineiro de Música (atual Conservatório da Universidade Federal de Minas Gerais) que se propuseram a estudar e cantar música renascentista – daí seu nome, fazendo referência à antiga composição musical vocal de caráter polifônico da renascença, os madrigais. Eventualmente, o Madrigal Renascentista passou a cantar obras de diversos períodos, deixando de ser um madrigal *per se* (OLIVEIRA, 2015). Teve como maestro, idealizador e grande incentivador Isaac Karabtchevsky<sup>3</sup>, que anos mais tarde viria a se especializar em regência orquestral e não mais coral.

---

<sup>3</sup> Nascido em 1934 em São Paulo, é filho de imigrantes judeus russos. Teve parte de sua formação musical em São Paulo e na Alemanha (OLIVEIRA, 2015).



Desde seu surgimento, o coral ocupou um local de destaque regional, seja pelo carisma e pela influência de seu maestro Karabtchevsky, seja pelo apoio do então presidente Juscelino Kubitschek na sua divulgação. Crescendo ao longo dos anos em apresentações e relevância, não demorou muito para que o Madrigal fizesse a sua primeira viagem internacional como representante cultural do Brasil: em 1958, o coro parte para uma turnê de apresentações na Europa, viajando por diversos países e fazendo concertos em embaixadas, teatros, festivais. Nas palavras de Oliveira (2015),

Trabalhando até o momento final para acumular recursos, os cantores e o regente viajaram sem um montante financeiro abundante, mas com a promessa de amparo por parte dos consulados brasileiros na Europa e o apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Antes de seu embarque, no Rio de Janeiro, cuidaram de providenciar os devidos agradecimentos àqueles que de alguma forma facilitaram a sua saída: o presidente Juscelino Kubitschek; o ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado; e seu chefe de gabinete, Celso Brant, que, efetivamente, atuou para a realização da excursão junto ao Ministério e ao Gabinete da Presidência. (O GLOBO *apud* OLIVEIRA, 2015, p.130)

É importante notar o apoio financeiro e burocrático recebido do governo brasileiro no momento dessa primeira viagem e das viagens seguintes, pois mostra que as turnês realizadas pelo Madrigal não eram somente de cunho artístico ou turístico, mas eram eventos oficiais do governo brasileiro fora do país, sendo sempre recebido nas embaixadas brasileiras nos países que visitava. Esse apoio financeiro, como observaremos posteriormente, não foi amplo, mas foi o suficiente para elevar o status do coro em sua missão internacional. Essa posição do grupo como representante oficial do Brasil se manteve nas viagens seguintes, ainda no governo de Kubitschek, em 1959 e em 1960, para o Chile e Argentina, e para a Argentina, respectivamente. Não coincidentemente, o Brasil vivia a chamada Operação Pan-americana, lançada por Juscelino, numa tentativa de começar a internacionalizar a economia brasileira, como explica Vizentini:

A OPA pretendia não só incrementar os investimentos nas regiões economicamente atrasadas do continente, compensando a escassez de capitais internos, mas também promover a assistência técnica para melhorar a produtividade e garantir os investimentos realizados, proteger os preços dos produtos primários exportados pela América Latina, bem como ampliar os recursos e liberalizar os estatutos das organizações financeiras internacionais. Ao contrário da Aliança para o Progresso, que priorizava os capitais privados e as relações bilaterais, a



OPA enfatizava a utilização de capitais públicos e a multilateralização das relações interamericanas. (VIZENTINI, 1999, p.144)

A Operação Pan-americana objetivava fortalecer parcerias comerciais e políticas com os países americanos, bem como com os Estados Unidos, que até aquele momento demandava unilateralidade as parcerias. É importante notar que o contexto do período era de Guerra Fria e a Doutrina Eisenhower havia acabado de ser aprovada no congresso americano, privilegiando o contato e apoio aos países que também lutassem contra o comunismo da URSS – especialmente no Oriente Médio. Assim, numa tentativa embrionária de diversificar seus parceiros para fortalecer a cooperação regional, Juscelino lança a Operação Pan-americana. É nesse momento que o Madrigal Renascentista viaja para o Chile e Argentina, divulgando a “boa música brasileira” e outros aspectos do governo de JK. “Nestes concertos ‘oficiais’ foram exibidos para ‘representantes de corpos diplomáticos e a jornalistas argentinos convidados’ filmes oficiais do Brasil que davam ênfase à construção de Brasília e ao sucesso do governo de Juscelino Kubitschek” (OLIVEIRA, 2015, p.169), reforçando o papel do Madrigal como representante cultural brasileiro e buscando, a partir dessa turnê, mostrar o desenvolvimento interno que estava acontecendo naquele momento no Brasil.

Essa importância dada ao coral se manteve também no governo de Jânio Quadros, quando da quarta viagem internacional realizada pelo Madrigal. Em 1961, o Madrigal viaja para o Uruguai e novamente para a Argentina, num período conturbado em que Jânio Quadros acabara de renunciar ao poder. Foi durante o seu governo, marcado por instabilidades, que a chamada Política Externa Independente tomou forma e veio a contrariar interesses de camadas mais conservadoras brasileiras. A PEI, ao contrário da Operação Pan-americana, não só buscava diversificar parcerias comerciais e políticas, como dar independência e autonomia ao Brasil como ator internacional:

Em 1961, Jânio Quadros e seu Chanceler Afonso Arinos lançaram a Política Externa Independente (PEI), que tinha como princípios a expansão das exportações brasileiras para qualquer país, inclusive para os socialistas, a defesa do direito internacional, da autodeterminação e a não-intervenção nos assuntos internos de outras nações, uma política de paz, desarmamento e coexistência pacífica, apoio à descolonização completa de todos os territórios ainda dependentes e a formulação autônoma de planos nacionais de desenvolvimento e de encaminhamento da ajuda externa. (VIZENTINI, 1999, p.146).



Esse cenário, que flertava com o multilateralismo nas relações externas e de amizade com nações socialistas, juntamente com vários conflitos internos, levaram à renúncia do presidente. Antes disso, porém, o Madrigal Renascentista já estava com viagens marcadas para a Argentina e Uruguai, como vimos anteriormente. Mesmo nessa circunstância, fica claro que o Madrigal não era ligado a um ou outro partido ou governo, mas era legalista (parte de uma resistência democrática contra o regime militar), como relata Oliveira:

Interrogados sobre se a tensão e o enfrentamento de opiniões no Brasil haviam se refletido nas relações entre coristas, os cantores sorriram e Maria Lúcia Godoy, em nome do grupo, respondeu: 'Somos pela legalidade'. O episódio é importante para demonstrar como o Madrigal Renascentista se conservou, durante todo o tempo, como um coro ligado ao governo, independentemente de qual fosse o partido que ocupasse o poder. Na verdade, segundo as ex-cantoras entrevistadas, naquela ocasião houve uma instrução expressa do Itamaraty para que essa fosse a resposta de todos se houvesse esse tipo de questionamento. (OLIVEIRA, 2015, p.197).

Quando Castello Branco ascendeu ao poder em 1964, a Política Externa Brasileira passava por um momento de transição, já que não era interesse dos militares no poder que o Brasil se distanciasse dos Estados Unidos nesse novo objetivo de luta contra uma suposta ameaça comunista na América Latina. Ainda que cada presidente militar no poder a partir de 1964 tenha tido características próprias, havia um padrão nas suas concepções de Estado que

estava repleto de pensamentos estratégicos e militares, as visões do outro sendo intensamente alimentadas por noções de imperialismo e disputas pelo poder no continente e as ameaças externas sendo transplantadas para o imaginário coletivo interno vis-à-vis aos centros de poder que identificariam o comunismo e as guerrilhas socialistas e nacionalistas como o inimigo a ser combatido. (GEHRE, 2008, p.116).

Portanto, o alinhamento com os Estados Unidos era premissa do primeiro dos governos militares desse período, o que não incidiu em uma direta valorização da diplomacia entre 1964 e 1984, como afirma Gehre (2008), já que com a ascensão de militares linha dura “no governo Castelo Branco, aqueles diplomatas diretamente relacionados à Política Externa Independente, que propugnava uma maior autonomia do



país e um claro distanciamento para com os EUA, foram paulatinamente sendo desligados” (GEHRE, 2008, p.119) tendo como consequência “as [não] realizações e princípios da PEI e o ideário da OPA, realinhando, por fim, a PEB com os Estados Unidos. No seu governo, a integração hemisférica representava elemento importante da política externa, mas no âmbito pan-americano e não latino-americano.” (GEHRE, 2008, p.120). Esse período da Política Externa brasileira não se manteve nos governos seguintes, como afirma Cervo, citado por Souza (2013), sugerindo um “hiato no projeto nacional-desenvolvimentista” (p.2) que havia começado anteriormente.

Nesse período, a quinta viagem internacional do Madrigal Renascentista aconteceu, não surpreendentemente, para os Estados Unidos. Em 1965, o coro viaja para 47 cidades americanas e passa cerca de 50 dias se apresentando no país (OLIVEIRA, 2015). Como bem relatado pela imprensa da época, o Madrigal Renascentista causou boa impressão por onde passou:

Em carta ao Governador Magalhães Pinto, o Embaixador Juraci Magalhães comunicou que o MR está obtendo sucesso em todas as cidades norte-americanas onde se tem apresentado, afirmando que ‘os mineirinhos e mineirinhas prestam inestimável serviço à divulgação da Cultura Brasileira, cujo alto nível artístico é reconhecido pela opinião unânime de quantos têm a oportunidade de ouvi-los’. (O GLOBO, 1965)

Além disso, os relatos da época explicitam algo importante para a análise de diplomacia cultural:

O representante do Brasil nos EUA enviou recortes de 3 grandes jornais norte americanos que registram elogiosamente os concertos do Madrigal, formado por 14 moças e 12 rapazes da sociedade belo horizontina. O comentarista Paul Hume, numa crônica publicada em cinco colunas, na edição de 15 deste de ‘The Washington Post’, depois da primeira apresentação do MR no ‘Lisner Auditorium’ da capital norte americana, escreveu: ‘O conjunto nos mostra uma nova dimensão da arte brasileira e estabelece um importante intercâmbio cultural com os EUA’. (O GLOBO, 1965)

A noção de intercâmbio cultural como um elo que conectava o Brasil aos Estados Unidos é parte fundamental da existência de uma diplomacia cultural, especialmente num governo marcado pelo realinhamento com a potência norte-



americana. Na ocasião da viagem, o Madrigal cantou na Embaixada Brasileira em Washington onde chegaram até mesmo a gravar músicas que seriam exibidas num programa chamado “Panorama Pan-Americano” (O GLOBO, 1965), mostrando mais uma vez a oficialidade da viagem internacional que o coro realizava. Esse intercâmbio cultural também servia aos propósitos de alinhamento com os Estados Unidos como parte de uma lógica de segurança nacional como vetor de combate ao comunismo.

Quando do retorno do Madrigal ao Brasil, além da recepção direta pelo Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) no Rio de Janeiro (DIARIO DE MINAS, 1965), vários eventos oficiais aconteceram: encontros com o governador de Minas, Magalhães Pinto, onde na ocasião chega a agradecer com flores “ao favor e ao bem que o Madrigal prestou ao Brasil, no exterior” (ESTADO DE MINAS, 1965b); bate-papo e coquetéis com o cônsul dos EUA em Belo Horizonte (COURI, 1965) e serenata ao prefeito de Belo Horizonte (ESTADO DE MINAS, 1965a). Essa característica do coro e ligação com os governos da época era constante até então, fator esse que pode ter facilitado e incentivado suas turnês internacionais.

Os governos militares seguintes (de 1967 a 1974) não mantiveram o alinhamento automático aos Estados Unidos como no governo de Castello Branco. Apesar do clima constante de combate a um inimigo comum – o comunismo – os governos posteriores suavizaram a dependência aos EUA a partir de um “retorno a uma diplomacia voltada ao ‘interesse nacional’ do desenvolvimento, embora ainda marcada por um discurso aparentemente voltado às fronteiras ideológicas” (VIZENTINI, 1999, p.148). O Brasil passou a se firmar como “potência média” (VIZENTINI, 1999) e por isso o foco no seu desenvolvimento interno. A divulgação e enaltecimento de um coro de vozes que fosse de qualidade comparada a corais internacionais também elevava o Brasil a esse posto de potência média, já que mostrava como a cultura e a educação no país estava em constante evolução e crescimento.

Foi nesse ambiente de construção de um país em desenvolvimento que o Madrigal viajou pela sexta vez, retornando aos palcos europeus para sua segunda apresentação no Velho Mundo em 1970, berço da tradição musical erudita ocidental. Como bem relatado pelos jornais da época:

O MR embarcará para a Europa nos primeiros dias de abril devendo apresentar-se na França, Alemanha, Romênia, Bélgica, Lisboa e Madri,





sob a regência do seu fundador, maestro IK. (...) O Itamarati fornecerá nove passagens de ida e volta, além de hospedagem, mas os recursos para outras despesas serão levantados em BH e em outras cidades, através de apresentações do Madrigal, com a colaboração do Governo estadual, dos banqueiros, industriais e pessoas ligadas ao setor artístico e cultural em Minas. (JORNAL DO BRASIL, 1970)

Não era incomum que, mesmo com ajuda federal, o Madrigal Renascentista tivesse que buscar apoio financeiro de outras entidades, sejam elas da esfera estadual ou privada. Por isso, as viagens não foram tão constantes, ainda que quase sempre muito bem relatadas pela imprensa regional. Nessa época, o coral já havia sido elevado ao título de Fundação Cultural, o que facilitava receber apoio financeiro para seu funcionamento. Para arrecadar o restante do montante para as passagens e estadias, o Madrigal sorteou serenatas para quem contribuísse com a viagem, realizou concertos, pediu apoio a governadores e entidades privadas, numa corrida contra o tempo para conseguir todo o recurso necessário para essa turnê. No dia 14 de abril de 1970, o Madrigal parte então para a Europa (ESTADO DE MINAS, 1970).

Como relata o jornal Diário do Comércio, já em janeiro de 1970 várias embaixadas haviam solicitado a presença do coral: Roma (onde cantaria para o Papa Paulo VI), Paris, Lisboa, Madri, Varsóvia e Bruxelas; até aquele momento, o Madrigal também já havia sido convidado para cantar na Alemanha, Romênia e na Áustria. (JORNAL DO BRASIL, 1970). Muito provavelmente por causa do baixo recurso financeiro para as viagens, o Madrigal Renascentista acaba viajando para somente sete países (no total, 12 cidades) (ESTADO DE MINAS, 1970). É interessante notar que, para essa viagem, houve uma escolha de repertório que valorizasse algo da cultura brasileira, como comenta Wilson Simão no jornal Estado de Minas:

Atravessando dois séculos, o Madrigal Renascentista trouxe inesperadamente uma obra recentemente escrita pelo jovem compositor brasileiro, Lindembergue Cardoso. Sua “Missa Nordestina” observa a ordem da liturgia ordinária, mas com uma infusão veemente de acentos e um realce de cores claramente insólitos. Uma vez passado o choque da surpresa cede-se de boa vontade ao encanto envolvente desta prosódia que, sem dúvida alguma é inspirada no folclore indígena, adota a linguagem harmônica europeia, se mais não fosse pelas frequentes modulações para os tons afastados. (SIMÃO, 1970).



Essa escolha de repertório pode ter facilitado uma aproximação cultural entre a nação subdesenvolvida que era o Brasil e a Europa, onde surgiu a música erudita cantada pelo coral.

A dificuldade financeira para realizar suas viagens, como visto anteriormente, é reflexo do baixo incentivo à cultura e ausência de uma política cultural no Brasil, ainda que a diplomacia cultural já demonstrasse ocupar alguma relevância dentro da Política Externa brasileira, como vimos anteriormente. Na visão de Ribeiro (1989),

no caso brasileiro, qualquer crítica à ausência de uma atuação cultural externa passa pelas baixas prioridades ainda atribuídas à formulação da política cultural interna do país - um país cujos governantes somente em passado recente passaram a associar desenvolvimento e cultura. É, assim, compreensível que os elos entre desenvolvimento e diplomacia cultural ainda se mantenham frágeis (RIBEIRO, 1989, p.107).

Em consequência, a diplomacia cultural permaneceu nesse período como aspecto menor da nossa Política Externa, que teve como ocasional ferramenta as viagens internacionais do Madrigal Renascentista.

### **3. Considerações finais**

Este artigo pretendeu jogar luz sobre a presença preambular da diplomacia cultural na formulação de Política Externa brasileira nos anos de 1965 e 1970, a partir do uso das viagens internacionais do coro mineiro Madrigal Renascentista.

Parece haver uma correlação entre uma política de desenvolvimento que extrapolava o âmbito doméstico, o alinhamento pontual com os Estados Unidos e a busca por uma multilateralidade nas relações externas brasileiras e os lugares visitados pelo coral.

Ainda assim, a pesquisa se limita pela dificuldade em acessar informações mais sólidas a respeito dos investimentos do Itamaraty e demais Ministérios nessas viagens analisadas, informações necessárias para sustentar a correlação proposta. Pesquisas futuras poderão apresentar novos dados que reforcem essa correlação.

### **Referências**



COURI, Eduardo. **Flashes e notas**. Estado de Minas, Belo Horizonte. 7 de março de 1965.

DE SOUZA, Ismara Izepe. **A política externa brasileira durante o regime militar (1964-1985): um balanço historiográfico**. 2013. XVII Simpósio Nacional de História. Natal, p.1-9. 2013. Disponível em:

<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/33-snh27?start=2140>

DIARIO DE MINAS. **Madrigal volta e ganha serpentina**. Belo Horizonte. 26 de fevereiro de 1965.

DIARIO DO COMERCIO. **Madrigal na Europa**. Belo Horizonte. 20 de janeiro de 1970.

ESTADO DE MINAS. **Governador cumprimenta o Madrigal**. Belo Horizonte. 5 de março de 1965a.

\_\_\_\_. **Madrigal de volta conta seu sucesso**. Belo Horizonte. 23 de maio de 1970.

\_\_\_\_. **Notas de um repórter social**. Belo Horizonte. 7 de março de 1965b.

GEHRE, Thiago. **A política externa brasileira durante os governos militares: idéias, práticas e imagens (1964-1984)**. Textos e Debates, Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima. Roraima, n. 15, p. 112-125. 2008. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/view/752>.

JORNAL DO BRASIL. **Maestro IK rege MR em sua “tourné” pela Europa**. Rio de Janeiro. 15 de janeiro de 1970.

NYE JR., Joseph S.. **Soft Power: the means to success in World Politics**. 4ª edição. Nova York: PublicAffairs, 2004.

O GLOBO. **O Madrigal Renascentista na América**. Rio de Janeiro. 29 de fevereiro de 1965.

OLIVEIRA, Arnon Sávio Reis de. **“O Coro Do Brasil”: O Madrigal Renascentista E O Contexto De Seu Percurso (1956-1962)**. 2015. 286f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1989.

SIMÃO, Wilson. **Lyon aplaude o Madrigal**. Belo Horizonte: Estado de Minas. 20 de julho de 1970.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **O Brasil e o Mundo: a política externa e suas fases**. Porto Alegre: Ensaio FEE, 1989, p.134-54.